



## O USO DE IMAGENS VISUAIS POR PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE MAMANGUAPE – PB

APPROPRIATION WAYS OF VISUAL IMAGES BY TEACHERS OF THE MUNICIPAL PUBLIC EDUCATION SYSTEM OF MAMANGUAPE CITY - PB

**Micarla Lopes de Farias<sup>1</sup>**

Universidade Federal da Paraíba – UFPB/CAMPUS IV

**Evelyn Fernandes Azevedo Faheina<sup>2</sup>**

Universidade Federal da Paraíba – UFPB/CAMPUS IV

### RESUMO

Este texto apresenta resultados de uma pesquisa que objetivou conhecer os modos como professoras da rede pública municipal de ensino, da cidade de Mamanguape - PB, que lecionam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental se apropriam de imagens visuais. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário semiestruturado, cujas respostas foram analisadas à luz da técnica de análise de conteúdo, sob a orientação de Laurence Bardin (2011). Com esse procedimento, o estudo visou conhecer, especificamente, quais são os tipos de imagem que as professoras utilizam no exercício de sua prática docente; quais os critérios que empregam para selecionar essas imagens e as estratégias pedagógicas que desenvolvem ao usar esse recurso no espaço escolar. As autoras concluíram que a maioria das professoras utiliza, com frequência, algum tipo de imagem em sua prática docente; que todas elas consideram as imagens visuais como um recurso importante ou indispensável para atrair os alunos e facilitar a apropriação do conteúdo estudado em sala de aula; que o uso de imagens é uma estratégia que elas utilizam para desenvolver atividades como rodas de conversa, quadrinhos, dinâmicas, palestras, atividades lúdicas e exposição de vídeos; que as docentes afirmaram ter conhecimento ou leituras prévias sobre o uso pedagógico de imagens visuais durante sua formação inicial ou continuada; e que, ao avaliar sua prática docente com o uso de imagens, elas as consideraram positivas, apesar de reconhecerem a necessidade de mais dedicação nesse aspecto.

**Palavras-chave:** Modos de apropriação; imagens visuais; prática docente.

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus IV. E-mail: micarlalopes8@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus IV. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa *Educação de Jovens e Adultos: políticas, práticas e discursos*. E-mail: evelynfaheina@gmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

Os desdobramentos da pesquisa, comunicados neste trabalho, resultaram de nossa participação como bolsista em um projeto acadêmico vinculado ao Programa Institucional de Iniciação à Docência (PROLICEN) da Universidade Federal da Paraíba. Esse projeto, intitulado ‘Modos de apropriação de imagens visuais por professores (as) da rede municipal de ensino de Mamanguape – PB’ foi coordenado pela Professora Dra. Evelyn Fernandes Azevedo Faheina, de abril de 2017 a fevereiro de 2018, com o objetivo de investigar como as professoras dos primeiros anos do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) desenvolvem atividades docentes com o uso de imagens. Do conjunto de imagens utilizadas pelas docentes, interessou-nos estudar a prática pedagógica das que usavam diferentes tipos de imagem - fixas ou em movimento - veiculadas por intermédio de desenhos animados, vídeos, fotografias, pinturas, quadrinhos etc., com o objetivo de facilitar o aprendizado dos (as) alunos (as) acerca dos conteúdos escolares.

Em relação aos objetivos gerais da pesquisa, foram desenvolvidos na perspectiva de evidenciar linhas de investigação no campo da Organização do Trabalho Pedagógico, privilegiando enfoques que se desdobrassem em torno de análises sobre a prática pedagógica das professoras, tendo como eixo central o uso de imagens como um recurso potencializador da aprendizagem dos conteúdos escolares pelos estudantes.

Assim, nesta pesquisa, pretendemos contribuir com o processo de reflexão, sistematização e produção do conhecimento sobre a matéria por seus integrantes - uma professora coordenadora e estudantes do Curso de Pedagogia da UFPB (bolsista e voluntárias) - e promover a integração entre a universidade e as escolas da rede pública municipal de ensino, localizadas no município de Mamanguape - PB, onde foram realizadas as investigações.

## 2 SOBRE O USO PEDAGÓGICO DA IMAGEM

Apesar de existirem muitas trajetórias possíveis para desenvolver e organizar o trabalho pedagógico escolar, especificamente no tocante à prática docente, o uso de imagens visuais é uma, dentre muitas estratégias, de que o educador poderá lançar mão para reorientar as ações relativas ao processo de ensino-aprendizagem.

Não obstante as inúmeras possibilidades de organizar a prática docente, é preciso fazer escolhas pautadas, sobretudo, em conhecimentos prévios, na experiência acumulada e na constatação de observações sistemáticas da prática pedagógica. Isso possibilitará que o trabalho realizado pelo educador, na escola, seja orientado por um conhecimento pedagógico que se exprima com um sentido diretivo das práticas educativas.

Assim, tomando o conhecimento pedagógico como eixo estruturante das práticas educativas, o educador poderá usar diferentes recursos que potencializem a aprendizagem dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. As imagens visuais, foco deste trabalho, são recursos que podem ser utilizados pelos (as) professores (as) em situações pedagógicas. Não se trata, entretanto, de incorporar à prática docente um caráter pragmático-utilitarista, implicado em uma concepção tecnicista de aplicação de imagens visuais às situações de ensino ou na simples incorporação do recurso ao currículo. Do contrário, defendemos que a prática educativa, orientada pelo conhecimento pedagógico, deve ser desvinculada do sentido instrumentalizador que, por vezes, sobredetermina a organização do trabalho pedagógico na escola, especialmente quando se trata de utilizar certos recursos como estratégia de ensino.

É importante romper com a tensão que existe entre esses dois modos de consubstanciar a referência à prática educativa, pois, como afirma Nóvoa, “[...] a lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva [...]” (1995, p. 27). Isso significa que as práticas educativas, em que se usem imagens visuais ou outros recursos como estratégia de mediação do conhecimento escolar, pautam-se em concepções críticas de aquisição, de utilização e de reflexão, em direção à construção de uma práxis formativa mais fecunda, no que diz respeito à consolidação de saberes e fazeres que subsidiem intervenções mais qualificadas (IMBERNÓN, 2010).

Neste trabalho, apontamos o uso de imagens visuais como uma alternativa metodológica capaz de potencializar a aprendizagem dos educandos, desde que utilizada de forma planejada, crítica e reflexiva. A respeito dessa perspectiva de estudo, já circulam várias propostas no âmbito acadêmico, no tocante a uma pedagogia crítica da



visualidade voltada, especialmente, para orientar educadores e educandos a se posicionarem criticamente em relação às imagens que se proliferam em nosso cotidiano. Segundo essa pedagogia, o ato de interpretar deve ser concebido como atitude e estratégia necessárias, que requerem intencionalidade e planejamento nem sua forma de aquisição.

São vários os autores que, alinhados a uma abordagem teórico-crítica, reconhecem a importância do uso pedagógico de imagens visuais na prática docente. Uma das justificativas para essa questão é o entendimento de que as imagens visuais, de modo geral, e, em particular, as midiáticas, colaboram com a construção da subjetividade dos indivíduos. A mídia, por intermédio de suas programações imagéticas, apresenta-se ao espectador como um recurso voltado para o entretenimento, o consumo e a emoção, atuando na formação de sua consciência e em seu modo de agir. Por essa razão, é pertinente desempenharmos um posicionamento crítico a respeito das imagens. Segundo Kellner, para isso, é preciso “[...] aprender as habilidades de desconstrução e compreender como os textos culturais funcionam, como eles significam e produzem significados, como influenciam e moldam seus leitores [...]” (1995, p. 126). Giroux e MacLarem asseveram que “[...] o mundo das imagens deve ser entendido a partir de uma perspectiva pedagógica, como um terreno de contestação [...]” (GIROUX E McLAREM, 1995, p. 147). Portanto devemos examinar os conhecimentos da mídia não só no limite de sua inclusão, mas também de sua exclusão.

Tal estratégia convida os/as estudantes a compreenderem a forma pela qual as instituições e as rotinas da vida cotidiana fazem surgir e tornam possíveis formações discursivas e práticas sociais particulares. De forma similar, esta abordagem também encoraja os/as estudantes a não santificarem o conhecimento ou a vê-lo como algo a ser simplesmente reverenciado e recebido, validando, ao mesmo tempo, o conhecimento que os/as estudantes adquiriram a partir de suas próprias experiências pessoais e suas lutas por significado e identidade. Consequentemente, os/as estudantes estarão mais inclinados/as a ler textos e imagens de forma produtiva e crítica, ao invés de forma passiva (GIROUX & McLAREM, 1995, p. 147-148).

Considerando esse horizonte de reflexão, o uso pedagógico de imagens visuais na escola, com vistas a criar as condições para que os estudantes tenham facilidade de



aprender e de se apropriar do conhecimento escolar é um imperativo de nosso tempo e uma necessidade da escola. É o que está posto no Artigo 5º, inciso VII, da Resolução CNE/CP nº 01, de 15 de maio de 2006, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia:

O egresso do Curso de Pedagogia deverá estar apto a: [...] Relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas (BRASIL, 2006, p. 2).

Com efeito, o domínio das tecnologias de informação e de comunicação pelo (a) profissional de pedagogia possibilitará o acesso e o desenvolvimento de outras linguagens, como a visual, extrapolando o universo da linguagem escrita, dominante nas sociedades grafocêntricas. Essa ideia também é mencionada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) do ensino de Artes, que apontam que é de competência do (a) professor/pedagogo (a) estimular nos (as) alunos (as) o

[...] reconhecimento e a utilização dos elementos da linguagem visual, representando, expressando e comunicando por imagens [...]. Contato sensível, reconhecimento, observação e experimentação de leitura das formas visuais em diversos meios de comunicação da imagem: fotografia, cartaz, televisão, vídeo, história em quadrinhos, telas de computador, publicações, publicidade, desenho industrial, desenho animado (BRASIL, 1997, p. 46).

Além desses dois documentos, em 2010, o Parecer CNE/CEB de nº 11, que trata sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de nove anos, também não deixou de registrar a importância de se utilizarem elementos da linguagem visual para transformar os alunos em consumidores críticos de imagens, sejam elas disseminadas através de revistas, da literatura infantil, da televisão ou do computador via internet. Segundo o referido Parecer,

[...] há que se considerar que a multiplicação dos meios de comunicação e informação nas sociedades de mercado em que vivemos contribui fortemente para disseminar entre as crianças, jovens e população em geral o excessivo apelo ao consumo e uma visão de mundo fragmentada, que induz à banalização dos acontecimentos e à indiferença quanto aos problemas humanos e



sociais. É importante que a escola contribua para transformar os alunos em consumidores críticos dos produtos oferecidos por esses meios, ao mesmo tempo em que se vale dos recursos midiáticos como instrumentos relevantes no processo de aprendizagem, o que também pode favorecer o diálogo e a comunicação entre professores e alunos (BRASIL, 2010, p. 10).

Do ponto de vista normativo, esses documentos assinalam o reconhecimento da inclusão da linguagem visual<sup>3</sup> nas práticas educativas escolares, em que pese o comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem. Nesse caso, não nos parece descabido afirmar que, devido aos referidos documentos legais e ao conjunto de reflexões tecidas sobre a problemática do uso pedagógico de imagens visuais na educação, estamos diante de um campo possível de debate e de exercício “[...] de uma prática pedagógica específica, fundada no entendimento de que a imagem pode funcionar como uma estratégia mediadora entre o ato de ensinar e o de aprender [...]” (CARLOS, 2010, p. 21).

A existência de um campo de estudo específico, que aglutine reflexões, saberes e práticas sobre o uso social da imagem, especialmente em espaços escolares (no âmbito da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, do Ensino Superior e do Profissionalizante etc.), tem requerido das instituições formadoras, como as universidades, por exemplo, um posicionamento contundente, sistemático e crítico.

Alinhando-se ao debate em questão, a pesquisa que desenvolvemos ratifica, em linhas gerais, o que já está posto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (CNE/CP nº 01/2006), em que consta que as novas linguagens e as tecnologias da comunicação e informação são um dos pontos da rede formativa do educador/pedagogo (a) em formação, que dinamiza o processo e amplia sua capacidade de intervir pedagogicamente na apropriação crítica do conhecimento escolar.

### **3 ESCOLA, CONHECIMENTO E CULTURA VISUAL**

A discussão sobre a apropriação crítica do conhecimento escolar através de imagens visuais encontra espaço nas bases teóricas da Cultura Visual, cujos objetos de estudo são os “[...] artefatos materiais [...] produzidos pelo trabalho ou pela ação e pela

---

<sup>3</sup> Para se aprofundar no tema ‘Linguagem Visual’, consulte Dondis, 1997.



imaginação dos seres humanos com finalidades estéticas, simbólicas, rituais ou político-ideológicas [...]” (HÉRNANDEZ, 2000, p. 134). Suas práticas são direcionadas ao sentido do olhar ou à constituição de um significado ampliado. Isso explica porque, na concepção do autor, a cultura visual é organizada em relação aos significados culturais produzidos.

Tal compreensão está vinculada à noção de mediação de representações, valores e identidades. Assim, este trabalho se realiza, principalmente, por intermédio da exploração da eficácia de objetos artísticos e artefatos que fazem parte do universo visual e deixa de fora os objetos relacionados aos outros sentidos (o paladar, a audição, o tato e o olfato), embora saibamos que o conjunto de significações produzidas pelos objetos visuais não ocorrem de maneira isolada dos códigos semióticos apreendidos por intermédio dos outros sentidos além da visão. Por exemplo, o conjunto de significações provocadas nos indivíduos por meio da relação que estabelecem com as imagens televisivas não ocorre apenas em razão do efeito provocado pelas imagens em movimento, mas também por causa da existência de outros códigos semióticos que com elas interagem, como a música e a linguagem escrita ou falada etc.

De acordo com Hernández (2005), a Cultura Visual deve ser concebida como um campo de estudos em aberto, marcado pela mutabilidade das representações e dos artefatos visuais, razão pela qual a cultura visual, ao invés de “[...] perseguir un objetivo de carácter enciclopédico [...], ha de aceptar su estatus cambiante y provisional, dada la constante formación – y reformulación – de los medios visuales contemporáneos y de sus usos y propiaciones [...]” (2005, p. 13). Para o autor, a investigação minuciosa desse campo de estudos possibilita mais do que uma simples apreciação estética dos artefatos visuais, pois proporciona uma compreensão crítica de seu papel e de suas funções sociais e das relações de poder que se estabelecem entre esses artefatos e os sujeitos no meio social onde estão inseridos. Sardelich, ao analisar a perspectiva teórica do referido autor, afirma que,

[...] nessa sua abordagem não há receptores nem leitores, mas sim construtores e intérpretes, na medida em que a aproximação não é passiva nem dependente, mas sim interativa e de acordo com as experiências de cada sujeito tem experimentado em sua vida cotidiana.

Uma primeira meta a ser perseguida nessa abordagem seria explorar as representações que as pessoas, a partir de suas características sociais, culturais e históricas, constroem da realidade, ou seja, compreender o que se representa para compreender as próprias representações (SARDELICH, 2006, p. 12).

Desse ponto de vista, o campo da cultura visual se organizaria com a produção de significados culturais, o que difere muito da perspectiva que centra a cultura visual na história social, mais precisamente, nos artistas, como os que são responsáveis por produzir essa cultura. Mirzoeff (1999), ao considerar outros trabalhos produzidos por estudiosos sobre esse campo, afirma que, para alguns deles, como Bryson, Holly e Moxy, a cultura visual é um campo de estudos cujo foco é a história das imagens, amparada pela abordagem semiótica da representação. Como se pode perceber, há vários posicionamentos adotados por teóricos e estudiosos da cultura visual que não apontam uma definição unívoca desse campo. Há quem identifique como análogo o estudo da História da Arte com o campo da Cultura Visual e as conceba dentro de uma mesma tendência investigativa, conforme tem observado Hernández (2005; 2000).

Outra linha de investigação que pertence ao campo da cultura visual são os estudos que tomam as tecnologias visuais como artefatos produtores de subjetividades. Mirzoeff concorda com esse pensamento, ao assinalar que “[...] la cultura visual se interesa por los contecimientos visuales en los que el consumidor busca la información, el significado o el placer es visto conectados con la tecnologia visual [...]” (1999, p. 19).

Ademais, importa lembrar que, quando Mirzoeff aponta as tecnologias visuais como responsáveis pela disseminação/construção de significados e subjetivações, ele não o faz na perspectiva de isolá-las de outros códigos que com elas interagem, como a música, a linguagem e as formas de representar, por exemplo, que aparecem mediante os gestos humanos transmitidos via tecnologia da informação e comunicação etc. De outro modo, podemos dizer que os artefatos visuais agem sempre em parceria com outros códigos semióticos, sem os quais não poderia dispensar suas significações.

Nossa compreensão é de que, embora concordemos com as incalculáveis significações produzidas na relação que os indivíduos estabelecem com as tecnologias, essa relação não ocorre de maneira passiva, como se fôssemos meros consumidores de





informações visuais. Por outro lado, não podemos nos esquecer de que o universo visual produz em nós um efeito de subjetivações calcadas em relações de poder que transcendem a dimensão meramente perceptiva. Isso nos leva a inferir que nossa experiência visual não se reduz a um processo de transmissão de informações, pois, como afirma Hernández, “[...] Hay más información tras nosotros que lo vemos” (2005, p. 17). Isso, possivelmente, justifique a importância de estudarmos a cultura visual, em particular, a produção, a distribuição e o consumo de objetos visuais em determinados contextos, o que, na perspectiva adotada por Hernández, deve ser realizado tendo em vista “[...] uma compreensão crítica de seu papel e de suas funções sociais e das relações de poder às quais se vincula, além de sua mera apreciação ou do prazer que proporcionam [...]” (2000, p. 135).

Com efeito, tratar a cultura visual numa linha de compreensão crítica traz para o âmbito da discussão o papel da escola e dos sujeitos pedagógicos no universo visual em que estão situados. Isso requer uma nova forma de organizar e disseminar o conhecimento escolar. Nas palavras de Sardelich, tal abordagem

[...] sugere aos educadores estarem especialmente atentos aos objetos da cultura visual do grupo com o qual trabalhe, ou seja, as imagens que estão nas capas de cadernos e pastas das/os educandas/os, as revistas que leem, os programas de televisão a que assistem, seus grupos musicais e jogos preferidos, suas roupas e ícones populares (SARDELICH, 2006, p. 13).

Assim, cabe às universidades, como agências formadoras, o papel de educar o educador para o exercício de uma prática docente competente e eficaz no que tange ao uso sistemático e pedagógico de imagens visuais como mediação da apropriação crítica do conhecimento e potencialização da aprendizagem dos conteúdos escolares pelos estudantes.

Devido a essa problemática e à necessidade de discutir e refletir sobre essa questão e de investigá-la, os modos de se apropriar de imagens visuais passaram a ser objetos de estudo necessário e urgente a serem investigados por professoras da rede municipal de ensino de Mamanguape – PB - junto com alunas bolsistas e voluntárias do projeto, estudantes do Curso de Pedagogia da UFPB - Campus IV.

#### 4 SISTEMATIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES COLETADAS POR MEIO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS

Neste segmento, apresentamos os resultados alcançados com a aplicação de 22 questionários às professoras<sup>4</sup> da Rede Municipal de Ensino da cidade de Mamanguape - PB. Convém lembrar que, das 56 professoras que lecionam do 1º ao 5º ano no Ensino Fundamental e que poderiam participar da pesquisa, apenas vinte e duas aceitaram colaborar com o projeto e responder ao questionário<sup>5</sup>. Dessas, a maioria<sup>6</sup> leciona no 2º ano do Ensino Fundamental.

Quando indagadas sobre quais os materiais e/ou os recursos que as professoras utilizam em sua prática docente, as professoras deram mais ênfase aos jornais e às revistas. Em segundo, terceiro, quarto e quinto lugares, mencionaram a televisão, os livros, os cartazes e o computador, respectivamente. DVD e Data Show também foram indicados pelas docentes, porém com uma regularidade menor.

**Quadro 01 - Materiais e/ou recursos utilizados pelas professoras**

Jornais	Revistas	Televisão	Livros	Cartazes	Computador	DVD	Data show	Outros
22	22	18	18	15	13	8	2	-

**Fonte:** Sistematização dos dados produzidos pelas integrantes do projeto

Sobre os tipos de imagem que as professoras utilizam em sua prática de ensino, constatamos que os desenhos se sobressaem; em seguida, vêm as pinturas, os quadrinhos, as imagens fotográficas, os vídeos e os mapas, conforme podemos verificar no quadro abaixo.

**Quadro 02 - Tipos de imagem que as docentes utilizam no processo de ensino**

Imagens fotográficas	Desenhos	Pinturas	Quadrinhos	Teatro	Vídeos	Mapas	Nenhuma	Outros
12	22	20	17	3	11	10	-	-

**Fonte:** Sistematização dos dados produzidos pelas integrantes do projeto

Interessante destacar que nenhuma das professoras que participaram da pesquisa falou que não utiliza nenhum tipo de imagem, o que indica que as imagens, em seus diferentes gêneros, têm feito parte do planejamento e da prática das docentes.

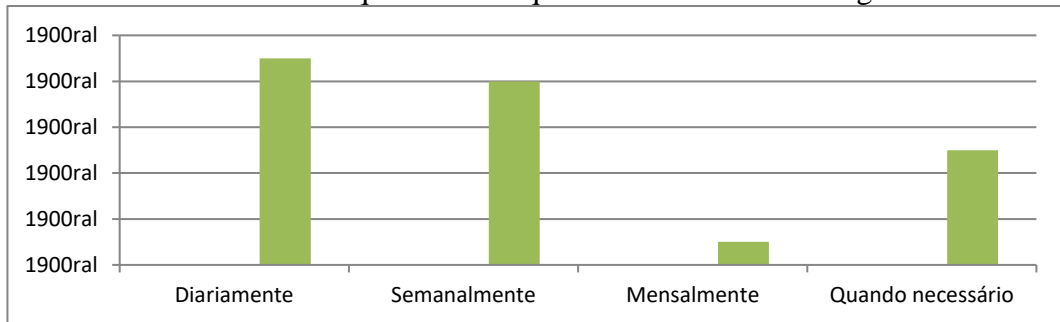
<sup>4</sup> Todas do sexo feminino.

<sup>5</sup> Vale salientar que, das oito escolas que constituíram o campo da pesquisa, apenas seis participaram da investigação.

<sup>6</sup> Seis professoras ensinam ao 2º ano; cinco, ao 5º; quatro, ao 1º e ao 4º ano, respectivamente; e três, ao 3º ano.

A respeito da frequência com que as imagens são incorporadas na prática docente, nove professoras afirmaram utilizá-las diariamente, oito, semanalmente, quatro, “quando necessário”, e apenas uma afirmou que usa mensalmente.

**Gráfico 01** - Frequência com que as docentes usam imagens

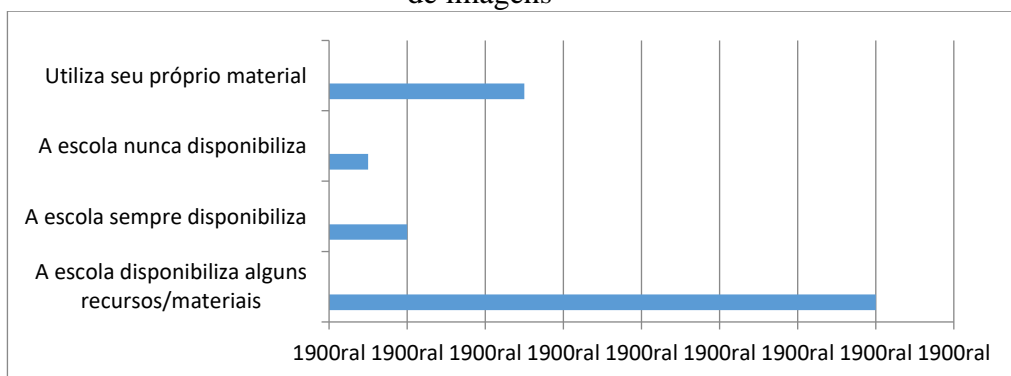


**Fonte:** Sistematização dos dados produzidos pelas integrantes do projeto

Vale salientar que, apesar do pouco conhecimento teórico a respeito do uso pedagógico de imagens, de modo geral, o estudo mostrou que as imagens são frequentemente incorporadas à prática docente das professoras.

A respeito do acesso delas aos recursos e aos materiais necessários para o uso de imagens na prática docente, 14 professoras responderam que a escola disponibiliza alguns desses materiais e recursos, e cinco disseram que usam material próprio. Somente duas professoras afirmaram que “a escola sempre disponibiliza os recursos necessários”, e uma, que “a escola nunca disponibiliza”.

**Gráfico 02** - Acesso das docentes a recursos e a materiais necessários para o uso de imagens



**Fonte:** Sistematização dos dados produzidos pelas integrantes do projeto

Sobre o quanto as professoras consideram relevante o uso de imagens visuais na prática docente, constatamos que todas elas o avaliaram como um recurso “importante”<sup>7</sup> ou “indispensável”<sup>8</sup>, razão pela qual dez justificaram seu uso com o argumento de que é um “recurso atrativo, que reflete na aprendizagem dos alunos” (Professora do 3º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Miguel Tomaz Soares); quatro s enfatizaram o aspecto estético da imagem, ao afirmar que, “a educação infantil, tem muita influência, pois eles se encantam com a beleza das formas e das cores, dando-lhes mais atenção” (Professora do 1º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cléa Maria Bezerra Barbosa). Oito docentes justificaram que usam imagens porque elas possibilitam que os alunos adquiram conhecimentos, facilitam a compreensão do conteúdo estudado, dinamizam a aula e proporcionam o compartilhamento de saberes.

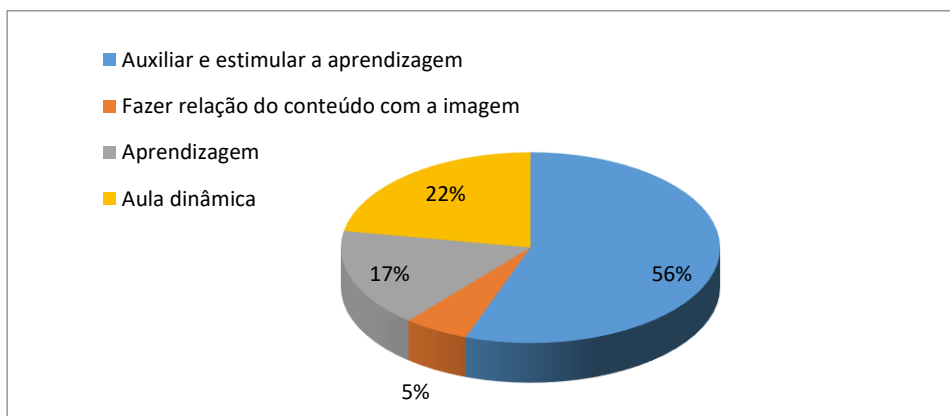
Quando indagadas sobre como desenvolvem as atividades no ambiente escolar com imagens visuais, as professoras indicaram o uso de cartazes, desenhos, livros, televisão, quadrinhos e DVDs em rodas de conversa, dinâmicas, exposição de imagens, atividades com colagens de desenhos, pesquisas exploratórias, atividades lúdicas e exibição de vídeos com um viés pedagógico para propiciar a verbalização e a reflexão do conteúdo exibido. Com essas atividades, elas esperam alcançar bons resultados com o uso de imagens na prática de ensino. De modo geral, predominou o pensamento de que as imagens podem auxiliar e estimular a aprendizagem dos alunos, inclusive no desenvolvimento da leitura e da escrita. Outras professoras disseram que têm esperança de que os alunos relacionem o conteúdo estudado ao visualizado e que se concentrem mais nas aulas. Esperam, também, que esse recurso desperte neles a capacidade de refletir e possibilite uma aula dinâmica, porquanto a imagem é reconhecida pelas docentes por seu caráter atrativo.

---

<sup>7</sup> Doze professoras indicaram ser a imagem um recurso importante.

<sup>8</sup> Dez professoras entendem a imagem como um recurso indispensável.

**Gráfico 03** - Resultados esperados com o uso de imagens



**Fonte:** Sistematização dos dados produzidos pelas integrantes do projeto

Sobre como as escolas podem estimular os alunos a refletirem criticamente sobre os conteúdos das imagens visuais, as professoras disseram que com palestras e debates, projetos e pesquisas, com o objetivo de levar mais informações para o alunado e de disponibilizar materiais e recursos para o corpo docente, a fim de estimular a preparação de aulas com o uso de recursos visuais.

Um fato que nos chamou à atenção neste estudo foi que a maioria das professoras (vinte) afirmou que, durante o seu processo de formação inicial ou continuada, já haviam se deparado com estudos e/ou informações a respeito do uso pedagógico de imagens visuais. Ao avaliar sua prática docente com o uso das imagens, as professoras afirmaram que a consideraram positiva, apesar de quatro reconhecerem que é necessária mais dedicação nesse aspecto.

## 5 CONCLUSÕES

Com a realização desta pesquisa e considerando seu objetivo geral, que consistiu em investigar os modos como as professoras que lecionam em turmas do 1º ao 5º do Ensino Fundamental nas escolas municipais da cidade de Mamanguape - PB se apropriam de imagens visuais, chegamos às seguintes conclusões:



(1) A maioria das professoras utiliza com frequência algum tipo de imagem<sup>9</sup> e diferentes tipos de recursos e materiais<sup>10</sup> em sua prática docente, o que indica que reconhecem esse recurso visual como uma estratégia pedagógica de ensino.

(2) O uso regular de imagens e a percepção das docentes sobre a presença do recurso como “importante” ou “indispensável” no espaço escolar ratificam a relevância da pesquisa e da temática estudada.

(3) Ao reconhecer que a imagem pode ocupar, nas atividades de ensino, as funções de atração estética, dinamizadora de aulas e facilitadora do conteúdo estudado, as professoras demonstraram que conhecem as diferentes formas de empregar a imagem na esfera do ensino.

(4) Ao afirmar que têm conhecimento ou leituras prévias sobre o uso pedagógico de imagens, durante sua formação inicial ou continuada, elas indicaram que é possível refletir criticamente sobre a cultura e os conteúdos visuais presentes nos diferentes tipos de imagem. Isso, entretanto, não dispensaria a possibilidade de desenvolver ações futuras, firmadas numa parceria entre a universidade e a rede municipal de ensino, que proporcionem uma formação aprofundada a respeito do tema, conforme as próprias professoras indicaram nos questionários que responderam.

## ABSTRACT

This text presents the results of a research that sought to know the appropriation ways of visual images by teachers of the municipal public education system of Mamanguape city- PB, who teach from the 1st to the 5th grade of Elementary School. The instrument applied for collection data was the semi-structured questionnaire, which responses were analyzed by the Content Analyses technique, under Laurence Bardin orientation (2011). With that procedure, we searched to know, specifically: what kind of pictures are been used by these teachers in their teaching practice; which criteria they use to select these pictures and which pedagogical strategies are developed when they use this resource in the school space. From this study, the following conclusions were briefly reached: (I) most teachers often use some kind of image in their teaching practice; (II) all the teachers consider visual images an important or indispensable

<sup>9</sup> Desenhos, pinturas, quadrinhos, imagens fotográficas etc.

<sup>10</sup> Jornais, revistas, televisão, livros, cartazes etc.

resource that generally perform the functions of attracting the students and facilitating the appropriation of the content studied in classroom; (III) as a teaching strategy with the use of pictures, the teachers develop activities such as conversation, comics, dynamics, lectures, play activities and video exposure; (IV) the teachers claimed to have knowledge or previous readings about the pedagogical use of visual images during their initial or continuous training; (V) when evaluating their teaching practice with the use of images, the teachers consider positive, although they admit the need for a greater dedication in this aspect.

**Keywords:** Appropriation Ways. Visual images. Teaching practice.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Resolução CNE/CP nº 01 em 15 de maio de 2006*. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Brasília: CNE/CP, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CEB nº 11 em 7 de julho de 2010*. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília: CNE/CEB, 2010.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes/ Secretaria de Educação Fundamental* – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARLOS, Erenildo João (Org.). *Por uma pedagogia crítica da visualidade: Introdução: Por uma pedagogia crítica da visualidade*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010, p. 11-25.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FARIAS, Mícarla Lopes de.; FAHEINA, Evelyn Fernandes Azevedo.; OLIVEIRA, Verônica de Carvalho Costa de.; SILVA, Roseli Santos da. *Modos de apropriação de imagens por professoras da rede municipal de ensino de Mamanguape – PB* In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2017, João Pessoa. Anais... João Pessoa: 15-18, nov. 2017. p. 1-6.
- GIROUX, Henry A.; McLAREN, Peter. *Por uma pedagogia crítica da representação: territórios contestados: o currículo e os novos mapas culturais*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; BARBOSA, Antônio Flávio M. Petrópolis: Vozes, 1995.



HERNÁNDEZ, Fernando.? De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual? *Educación e realidade*. Porto Alegre, n. 34, p. 9-34, jul./dez./2005. Disponível em:<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/12413>. Acesso em: 01 jul. 2016.

IMBERNÓN, F. *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KELLNER, Douglas. Alienígenas na sala de aula: lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: Silva Tomas Tadeu (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.105-131. (Coleção Estudos Culturais em Educação)

MIRZOEFF, Nicholas. *Uma introdução à cultura visual: Introdução: o que é cultura visual?* Londres: Routledge, 1999.

NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SARDELICH, Maria Emília. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. *Educ. Rev. [online]*. n. 27. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000100013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000100013&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso: 01 jul. 2016.